

APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, a História da Mulher não só se constituiu num campo de estudos, como ultrapassou uma série de obstáculos, tanto de definição, como de estratégias de investigação, como bem nos esclarece Michelle Perrot em seu depoimento nos *Seminários Pagu* (maio/94), que agora publicamos. Novas questões, entretanto, foram colocadas em relação às categorias explicativas e às interpretações sobre gênero. Este número dos *Cadernos Pagu* vem alimentar uma significativa lista de publicações nacionais sobre a História das Mulheres, reveladora do papel que os estudos de gênero assumiram também no Brasil.

A conferência de Michelle Perrot e a entrevista que ela concedeu à historiadora Sheila Schvarzman, bem como a nota crítica de Roger Chartier - apresentadas no dossiê de abertura desse número: "História das Mulheres no Ocidente" - fazem um balanço não só da famosa coleção, mas também da historiografia sobre a mulher na França e convidam-nos a refletir sobre seu percurso, e sobre as variadas formas de se escrever sua história. História Social? História de Gênero?

Neste sentido, os artigos que compõem o presente número são, em sua maior parte, resultados de pesquisas recentes, empreendidas por historiadoras brasileiras e estrangeiras. Representam uma amostragem valiosa, seja da recuperação da mulher enquanto agente histórico, seja de práticas políticas e sociais e das representações acerca da mulher em tempos e em espaços delimitados. Do século XVII ao XX, os artigos apresentam uma multiplicidade de fontes e de tratamentos possíveis que se abrem ao estudo da História da Mulher. Trata-se

fazendo história das mulheres

de pequenos dossiês que se interligam num objetivo comum: *fazer a história das mulheres*.

Mary del Priore explora as representações na literatura sacra do século XVII sobre melusianas e mulheres sereias, revelando espaços semi ocultos do imaginário detrator da mulher na época, entrelaçando elementos da cultura popular e erudita; enquanto Maria Beatriz Nizza da Silva nos transporta ao final do século XVIII e início do XIX no Brasil, para resgatar uma série de papéis, de práticas e de ocupações femininas que geralmente foram negados pela historiografia, ou atribuídos exclusivamente aos representantes do sexo masculino.

Embora a partir de diferentes contornos, mapeando os limites do público e do privado, apresentamos quatro artigos: Maria Isilda Matos e Maria Bernadete Ramos Flores focalizam experiências e atividades femininas em espaços culturais específicos apontando para a riqueza da história do cotidiano; no primeiro caso, o cenário é a expansão urbana de São Paulo e Santos na virada do século, no qual se procura compreender as relações entre as transformações da cidade, a definição do espaço para os gêneros e a alteração de certas ocupações. O segundo artigo explora os recursos possíveis para o historiador no âmbito da memória feminina, revelando múltiplas facetas das festas açorianas no sul do Brasil.

Barbara Weistein, a partir do estudo de políticas e ideologias específicas desenvolvidas em São Paulo entre 1910 e 1950, recupera o processo de construção da identidade "mulher trabalhadora", em oposição ao papel idealizador da "dona de casa".

No interior de uma concepção de história política renovada, Sonia Dayan analisa a participação e o papel das mulheres na construção do sentimento nacional palestino. Novamente, os espaços privado e público vêm à tona, carregados

de símbolos que assumem significados políticos, como por exemplo, o corpo e as vestimentas das mulheres.

Fechando a seção de artigos, Alejandro Carson levanta questões importantes para o debate sobre a categoria de gênero, discutindo as origens dos conceitos de gênero e identidade e apresentando possibilidades de desarticulação do atual sistema de diferenciação social baseado na categoria gênero. O tema reaparece com ênfase na resenha de Karla Bessa sobre o instigante livro de Judith Butler - "Gender Trouble: outra perspectiva de compreensão do Gênero".

Na seção Documentos, primeiramente Izabel Marson e em seguida Carla Bassanezi, em parceria com Leslye Bombonato, visitam duas fontes consagradas pela historiografia brasileira: respectivamente a Literatura de Viagens e a grande imprensa (no caso, a Revista *O Cruzeiro*), descortinando, a partir de leituras e análises habilidosas, a construção de certos valores e interpretações sobre a sociedade brasileira, nas quais as mulheres emergem muitas vezes em imagens cristalizadas e estereotipadas que encobrem contradições e outras possibilidades de análise.

O *Cadernos Pagu nº 4*, é, portanto, mais uma vez, o produto das contribuições que temos recebido de vários pesquisadores a quem agradecemos à colaboração e que tanto nos instigam a refletir sobre os rumos da historiografia recente. É com grande prazer que fazemos chegar ao público essas reflexões, no momento em que o grupo de Estudos de Gênero Pagu (UNICAMP) completa seu quinto aniversário.

Leila Mezan Algranti